

Em síntese, a brilhante exposição do tema em si por Guthrie parece-nos ter ficado prejudicada pela perda do correlacionamento dele (tema) com o desenvolvimento do processo político ateniense (a instauração e a crise da democracia ateniense), perda acarretada, acreditamos, pela postura ordenadora de Guthrie

FRANCISCO MURARI PIRES

\* \* \*

GUINSBURG (J.). — *Guia Histórico da Literatura Hebraica (Do Período Pós-Bíblico à Criação do Estado de Israel)*. São Paulo, Perspectiva, 1977. 137 págs.

A presente obra destina-se, como seu autor afirma, a “oferecer um panorama histórico da literatura hebraica”, tarefa extremamente complexa pela sua especificidade e riqueza e ao mesmo tempo necessária. Trata-se portanto de um estudo descritivo como se pode deduzir do próprio nome “Guia Histórico”, orientado por uma idéia motriz “a continuidade na dispersão” idéia alentada pelo *Galut*, o Exílio, como elemento básico e determinante nas letras hebraicas.

É dividida em oito capítulos, dos quais os dois primeiros podem ser considerados como introdução. Neles o autor justifica a sua obra e estabelece o conceito de periodização da literatura hebraica segundo critérios histórico-cronológicos, histórico-geográficos e histórico-literários, dada a multilocalização geográfica e a complexidade cultural da vida judaica, sobretudo na Diáspora.

Os capítulos seguintes dedicam-se aos seis períodos em que se divide a Literatura hebraica, estudando em cada um deles os condicionamentos históricos, sua repercussão nas manifestações literárias e as figuras mais representativas.

O *Período Pós-Bíblico* até a *Mischna*, abrange e compreende a literatura apócrifa e apocalíptica. Centra-se no predomínio religioso e o destaque principal corresponde aos rabis fariseus. O autor inclui nesta etapa os escritos da seita de Kumran e considera também, que neste *habitat* cultural se originam os escritos proto-cristãos com as suas parábolas e sermões midráschicos.

No *Período Talmúdico*, dos séculos II ao IV, recolhe-se a tradição oral ou não codificada. *Mischná* e *Talmud* dão origem a um vasto complexo literário de características fundamentalmente legislativas, de codificação e de caráter coletivo, “acumulando nas interpretações, preceituções e figurações — dos sábios — os elementos de *halahá*, lei, e de *agadá*, lenda, relato”. O *Talmud* de Jerusalem, o *Jeruschalmi*, e o *Talmud* de Babilônia, o *Bavli*, aparecem como os expoentes principais da época.

O *Período gaônico*, dos séculos VI ao IX vincula-se aos *gaonim*, tendo como principais centros as escolas de Sura (Saadia ben Josef) e Jerusalem (Aaraão ben Meir); e se manifesta amplamente através da literatura de *Responso* que comunica as diferentes comunidades judaicas entre si, e difunde sua influência

sobre matéria jurídico-religiosa, consuetudinária, questões práticas, etc. Aparece nesta época a influência árabe, iniciando-se “a indagação crítico-sistemática dos princípios da fé judica e com ela, a filosofia ou pelo menos a teologia judaica”.

O *Período Ibérico*, representa uma verdadeira idade de ouro para a criação literária judaica, representada segundo palavras do autor por “uma rica efusão cultural que abrangeu os principais domínios da época “filosofia, teologia, poesia, filologia, ciências médicas, matemática, astronomia, exegese bíblica e talmúdica, crônica histórica encontraram representantes excepcionais”. O conceito de sionismo teológico, encontra sua expressão de forma poética e lírica através de Jehudá ha-Leví, considerado o maior poeta da Idade Média. E da criação literário-poética passa-se para o trabalho filosófico-intelectual, onde se encontram duas correntes bem definidas. Uma de natureza lógica e racional cujo zenit é representado por Maimônides, seja pela sua envergadura filosófica e analítica, ou pela sua originalidade criadora. E a outra corrente, de natureza especulativa e mística, que abriu um amplo estudo à cabalística, primeiro representada por Abuláfia, e que culmina no *Zefer ha-Zohar*, livro do esplendor, que se tornou o terceiro “livro” judaico, ao lado da Bíblia e do Talmud.

As perseguições e expulsões da Península Ibérica deslocam o centro cultural sefardita para a Itália, determinando assim uma nova etapa que o autor engloba no *Período Italiano*. Assinala neste momento a incorporação de elementos renascentistas abrindo-se a literatura a novos gêneros, como o drama, a filologia e a literatura histórica. Procura-se também a união ou a síntese de cabalismo e maimonismo. Por outro lado “os tormentos e as sublimações coletivas encarnam-se nas buscas místicas e messiânicas que se desencadeiam nos principais centros do judaísmo”, colocando como exemplo a escola de Safer com as suas repercussões em toda a Europa e que nos países eslavos levará ao movimento hassídico.

O último capítulo é dedicado à *Literatura Hebraica Moderna*, cuja renovação se situa na época da Ilustração, na *Hascalá*, destacando o papel de Berlim primeiro, e de Viena depois nesta renovação, que tira a comunidade étnico-religiosa do *gueto* sem perder “o espírito do judaísmo” que passou a assumir feições concretas e específicas através do historicismo e do idealismo romântico hegeliano. Para Guinsburg, Graetz na sua monumental obra *História dos Judeus desde os tempos Antigos até o presente* vem a ser o remate literário e historiográfico de todo esse labor científico e renovador.

Indica a Galícia como centro onde se forma e toma corpo o pensamento nacional judeu na acepção moderna em torno da figura de Krochmal e com a formação de uma história judaica potencialmente “nacionalista” difundida pelo círculo de *maskilim*, tendo nele sua origem e responsável pela evolução da função religiosa e ética, ao novo conceito de Israel que envolve “afora a religião e a ética outros fatores da vida espiritual e intelectual e inclui, a seu modo, con-

dições sócio-políticas e materiais, sendo por isso mais amplo e abstrato que o religioso” e capaz de relacionar a todos os judeus por “um princípio nacional” preparando o terreno no qual a geração seguinte desenvolveria o romance hebreu moderno.

Na fase racionalista do movimento, os iluministas judeus derivam dos padrões bíblicos apenas uma estilização alegórico-poética, passando a captar da velha fonte espiritual a vivência lírica de um passado nacional. Tendência esta, que se acentua com o romanticismo. O Realismo, manifesta-se na luta contra o conservantismo social e a ortodoxia religiosa, fazendo dessa luta bandeira de propaganda reformista.

Os pogroms czaristas de finais do século XIX sepultam muitas ilusões da ilustração, mas dão origem a um novo *Risorgimento* nacional judaico na corrente *Hibat Tzion*, amor a Sion, superando a *Hascalá* e antecipando os princípios do sionismo espiritual e a batalha pela readoção do hebraico como língua falada”. Seria este, para o autor, o verdadeiro marco da modernidade judaica, que passou a assimilar com intensidade o acervo literário ocidental e renovar os critérios de valor estético. É assim que o Modernismo, o Naturalismo, o Impressionismo, o Simbolismo e outras correntes literárias encontram seus representantes entre os hebreus.

A experiência trágica do nazismo que contribuiu para acentuar a consciência trágica sobre o destino do povo e do indivíduo judeu, está perfeitamente expressa por Tchernikhovski, que junto com Bialik, se constituem os mestres da renovação poética, assimilando de maneira orgânica as tendências artísticas e literárias russas e ocidentais.

Por outro lado, acentua-se o policentrismo da cultura hebraica, com o crescimento qualitativo de *Eretz Israel*, a desintegração do hebraísmo russo e centro-europeu, e a criatividade hebraica nos Estados Unidos.

O autor fecha o capítulo sobre a literatura moderna com o item de Israel, como ponto de chegada e como centro de gravidade para onde a literatura hebraica se desloca desde o início do século XIX, devido “a constante que norteou por quase dois milênios a literatura hebraica e ao processo histórico-social do judaísmo moderno, que concentrou nas correntes do sionismo as possibilidades de uma subsistência específica, senão religiosa, pelo menos cultural e nacional”. É no Retorno que o hebraísmo volta aos poucos à condição de instrumento de comunicação cotidiana, isto é, de língua falada, integrando as peculiaridades dos diferentes grupos que constituem e enriquecem o centro Israel.

Não se trata, pois, de um trabalho nem de uma síntese elaborada e completa da literatura hebraica. A estrutura da obra como guia não deixa dúvida a esse respeito. O autor conferiu ao trabalho um caráter esquemático que nos oferece uma série de pontos de referência no tempo e no espaço para a compreensão das letras hebraicas, e suas motivações principais. Contudo, esse aspecto esquemático manifesta-se principalmente nos sete primeiros capítulos, sin-

tetizados em 67 páginas, ao passo que o oitavo capítulo ocupa as 67 restantes. No seu conjunto, a obra oferece um valor prático para aquele que queira se aproximar da literatura hebraica, justamente pelo seu caráter de introdução e sua função de guia.

MARIA GUADALUPE PEDRERO

\* \*  
\*

FALBEL (Nachman). — *Heresias Medievais*. São Paulo. Editora Perspectiva. Coleção Kronos, nº 9, 1977, 117 pp.

Depois da exaustiva e analítica pesquisa que culminou com a brilhante defesa de tese de doutoramento sob o título: *A Luta dos Espirituais e Sua Contribuição para a Reformulação da Teoria tradicional Acerca do Poder Papal*, ficaram os estudiosos aguardando, ansiosamente, que o Prof. Nachman Falbel atendesse aos pedidos e publicasse uma obra que embora não abordasse o assunto no seu todo, o que seria por demais dificultoso ou mesmo impossível como um trabalho sintético, refletisse as premissas-chaves e a essência original contida no mesmo.

Como resultante dessa preocupação surge a obra intitulada *Heresias Medievais*. Embora resumida, a obra apresenta uma riqueza de dados e detalhes e lança luz sobre as mais importantes heresias da Baixa Idade Média, o que a torna instrumento imprescindível para aqueles que se dedicam ao assunto ou aos interessados em História Medieval em geral.

O autor afirma que:

“Os séculos XII e XIII poderiam ser chamados de séculos heréticos, caso pudessemos olhar a história de uma época ou período sob um único prisma, ou seja, o da história da Igreja Ocidental” (p. 13).

É exatamente com esse período que o livro se preocupa. Pois o que caracteriza essas heresias da Baixa Idade Média é: “o seu cunho popular assentado sobre uma nova visão ética da instituição eclesiástica e do Cristianismo como religião vigente na sociedade ocidental”.

Como já afirmamos e o próprio autor, primando pelo zelo esclarece no livro, não foi a intenção do trabalho tratar de todas as heresias dos séculos XII e XIII. O objetivo foi o de “selecionar as heresias que tiveram maior repercussão no seio da Igreja e causaram maior impacto entre os homens da época, quer sob o aspecto do número de seus adeptos, quer pela força de penetração de sua concepção ou doutrina” (p. 22).

Para atender a essa proposição o trabalho apresenta todo um aparato cientificamente elaborado com ampla gama de fontes. A obra prima pela